

A Prosperidade do Evangelho e o Futuro de Israel

Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Falar sobre escatologia nos círculos evangélicos hoje inevitavelmente abordará a questão do plano de Deus para o Israel étnico (os judeus). Referência especial é freqüentemente feita à nação de Israel nas profecias. Um dos pregadores mais populares da Califórnia do Sul proclamou em 1980 que ninguém que não estivesse ciente que Jesus deve – dada a recente história da nação de Israel – estar retornando muito em breve, não o conhece verdadeiramente de uma forma salvífica. Para esse pregador os judeus tinham um papel tão óbvio nos planos da Bíblia para o final dos tempos, que apenas alguém com os olhos cegos pelo pecado poderia falhar em ver os sinais dos tempos. Ele era um cristão sionista, que tinha feito uma contribuição financeira considerável para a nação de Israel e predisse que Jesus retornaria antes do final de 1982. Sua posição sobre o milênio era notadamente pré-milenista dispensacionalista.

Pessoas de convicções Reformadas em teologia têm freqüentemente reagido a tais demonstrações e declarações extremas sobre o futuro de Israel repudiando totalmente qualquer lugar nos planos revelados de Deus para os judeus. Um escritor bem conhecido e prolífico no mundo Reformado abordou o assunto de Israel na profecia, somente para concluir que (em efeito) Israel não está mais na profecia de forma alguma. E ele não pôde resistir em lembrar aos seus leitores que foram os judeus quem mataram Jesus. Todas as profecias, ele contende, que uma vez pertenceram a Israel, aplicam-se agora exclusivamente à igreja. Sua posição milenista é evidentemente amilenista.

Onde um pós-milenista permaneceria sobre a questão do futuro de Israel? Bem, num sentido, não existe nenhuma resposta pós-milenista “oficial” (ou padrão) a essa questão, pois a resposta de alguém será determinada por sua interpretação de várias passagens bíblicas (notavelmente, Romanos 9-11); e nem todos os pós-milenistas entendem essas passagens particulares da mesma forma. Todavia, uma grande quantidade de pessoas que crêem que a Bíblia ensina a prosperidade do evangelho e o sucesso visível do reino de Cristo avançando sobre a terra – isto é, muitos pós-milenistas bíblicos – têm encontrado apoio escriturístico para suas esperanças escatológicas no que Deus disse sobre o futuro de Israel. Contudo, eles não entendem que esse

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

futuro será algo como os prospectos sionistas ou nacionalistas favorecidos pelo dispensacionalismo.

Tentando aderir estritamente ao pleno ensino da palavra de Deus, então, o que nós precisamente deveríamos pensar sobre o futuro de Israel? Devemos lealdade e apoio ao Israel nacional, como uma força política no Oriente Médio? Repudiamos qualquer lugar especial nos designios de Deus para aqueles que são judeus étnicos? Existem alternativas a essas antíteses polares?

Deus chamou os judeus através do seu pai, Abraão. Deus prometeu a Abraão fazer dele uma grande nação e através dele abençoar todas as famílias da terra (Gn. 12:2-3). A semente de Abraão se tornaria muito grande para se contar, e possuiria para sempre a terra da promessa (Gn. 13:15-16). Assim, Deus estabeleceu um pacto com Abraão e com a sua semente após ele, um pacto que incluía essas provisões e – acima de tudo – ser um Deus para Abraão e os seus descendentes (Gn. 17:1-8). Assim começou a longa história dos tratamentos pactuais de Deus com Abraão, Isaac, Jacó e os seus após eles (chamado “Israel”, seguindo o novo nome dado ao Jacó convertido). Essa história leva ao Egito e ao êxodo sob Moisés, à conquista da terra prometida sob Josué, aos altos e baixos políticos dos juizes e reis (notavelmente a divisão do reino em norte e sul), ao exílio para fora da terra e subsequente restauração. Durante todo esse tempo Deus pronunciou muitas promessas ao seu povo escolhido, especialmente sobre o Messias vindouro e a era maravilhosa de salvação que ele inauguraria, e o terrível dia de julgamento que imoria. Israel desfrutava da atenção especial de Deus durante esse tempo – tanto que ele pôde declarar a Israel: “De todas as famílias da terra a vós somente conheci (amei)” (Amós 3:2). Esse privilégio especial trouxe maior, e não menor, responsabilidade e prestação de contas a Israel – como as palavras de Amós continuam: “*portanto*, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós”.

De todas as iniquidades de Israel que poderiam ser mencionadas, a mais óbvia de todas foi a rejeição do Messias prometido. Como João colocou: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). Os judeus nos dias do ministério terreno de Jesus estavam, como seus pais antes deles, indispostos a ouvir os profetas enviados a eles por Deus. Assim, Jesus declarou que o sangue de todos os justos “será requerido desta geração” (Lucas 11:51). A cidade capital e casa do próprio Deus seria deixada desolada (Lucas 13:35), quando Jerusalém fosse pisoteada pelos gentios (Lucas 21:24). No começo da semana na qual ele seria crucificado na incitação do Sinédrio Judaico, Jesus ensinou uma parábola em Jerusalém sobre um lavrador, que ficou responsável pela vinha de um senhor. Sempre que o senhor enviava servos para coletar sua porção da vinha, os lavradores os espancava, de forma que decidiu enviar seu filho. Pensando se apossar da herança, os lavradores mataram o filho do senhor. Nesse ponto da história Jesus parou e perguntou à multidão o que o senhor da vinha faria àqueles que mataram seu filho. Sem

esperar por uma resposta, Jesus declarou: “Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros” (Lucas 20:9-16). Lucas adiciona que os principais sacerdotes (os líderes judeus) “perceberam que, em referência a eles, dissera esta parábola” (v. 19).

No paralelo de Mateus para essa parábola, Jesus não deixa nada à mercê da imaginação de alguém. Ele extrai a terrível conclusão explicitamente: “Portanto, vos digo que o reino de Deus vos [Israel] será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos” (Mateus 21:43). O Israel étnico foi rejeitado por Deus como um violador culpado do pacto. “Pela sua incredulidade, foram quebrados”, diz Paulo em Romanos 11:20. Eles podem alegar ser judeus (povo de Deus), mas não são mais, mas sim uma sinagoga de Satanás (Ap. 2:9). Claramente então, o Israel nacional e ético não mais permanece numa posição especial de privilégio. Ele não mais é o reino de Deus, e os judeus não são mais o povo especial de Deus. Ele visitou suas iniquidades, desolou sua nação, tirou deles o reino, e achou-os como sendo satânicos.

O que então, se tornou as promessas de Deus ao povo de Abraão? O pacto abraâmico foi invalidado? De forma alguma! A promessa de Deus era abençoar todas as famílias da terra através de Abraão, como vimos. Assim, a difusão do seu reino e misericórdia sobre os gentios era pretendida desde o começo do seu relacionamento com os judeus. Agora em Cristo os gentios étnicos, incircuncisos, foram “aproximados”, para a “comunidade de Israel”, pelo sangue de Cristo, de forma que eles são agora “concidadãos” do reino de Deus (Ef. 2:11-19). Foi prometido a Abraão uma semente que herdaria as promessas. Todos aqueles que seguiram nos passos da fé de Abraão – quer judeus ou gentios – foram contados como sua semente: “Sabei, pois, que os da fé é que são filhos de Abraão... E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl. 3:7, 29).

Mas como podem as promessas serem herdadas agora? O Novo Testamento ensina enfaticamente que as promessas abraâmicas são herdadas *em Cristo*. Jesus ensinou que “Abraão... alegrou-se por ver o meu dia” (João 8:56). O pai dos fiéis sabia que as promessas divinas feitas a ele antecipavam a obra e bênção do Messias. Paulo nos diz que “todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém” (2Co. 1:20). Cristo é o objeto de todas as promessas de Deus no Antigo Testamento; é somente através dele que as provisões delas são concedidas. Conseqüentemente, Paulo explica que as promessas de Deus foram ditas a Abraão e a sua semente (Gl. 3:16a), mas devemos observar que elas eram pretendidas não para muitas sementes, mas para apenas uma semente (v. 16b) – a semente “que é Cristo”! Aqueles que se tornaram filhos de Deus por adoção são *co-herdeiros* com Cristo (Rm. 8:15-17). Esse privilégio se estende mesmo à promessa da terra que Deus falou a Abraão. Abraão sabia que a terra prometida era apenas um sinal, um tipo, uma sombra e garantia da herança muito maior do reino de Deus. “Pela fé, Abraão,

quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia... (e) peregrinou na terra da promessa como em terra alheia... porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (Hb. 11:8-10). A herança cristã agora é imensuravelmente maior que a terra da Palestina, diz Pedro em sua primeira epístola (1:4-5). Essa herança é a esperança viva de salvação e ressurreição dos mortos, uma herança que tem um penhor nos dado agora no dom do Espírito Santo (Ef. 1:13-14).

Portanto, podemos ver a partir da Bíblia que a nação de Israel era apenas um passo no plano abrangente de Deus de criar um corpo internacional como seu povo escolhido. A verdadeira semente de Abraão, que recebe a herança última do reino da salvação de Deus, são aqueles que estão em Cristo pela fé. De fato, então, todas as famílias da terra são abençoadas em Abraão! Os judeus étnicos não têm nenhuma distinção especial: “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente” (Rm. 2:28-29). “Não pode haver judeu nem grego... porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl. 3:28). Os judeus podem ser salvos e desfrutar das bênçãos do reino de Deus, mas somente sobre a mesma base e condição que os gentios. “Em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável” e Deus “não estabeleceu distinção alguma entre nós (os judeus) e eles (os gentios), purificando-lhes pela fé o coração” (10:35, 15:9).

A igreja de Cristo permanece agora na posição de privilégio gracioso que uma vez pertenceu ao Israel étnico e nacional. A igreja é agora “o Israel de Deus” (Gl. 6:16) – quer concebida como a comunidade de Israel (Ef. 2:12, 19) ou como as doze tribos na dispersão (Tiago 1:1, 1 Pedro 1:1). Assim como Deus descreveu Israel em Êxodo 19 e Oséias 1-2, a igreja é descrita por Pedro como “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1 Pedro 2:9). Aos olhos e tratamentos de Deus, a igreja é agora Israel, o seu povo escolhido.

Esse fato tem tremendas implicações teológicas. Em primeiro lugar, as esperanças dispensacionalistas para a nação de Israel na terra da Palestina são equívocos extremos na leitura do pleno escopo da revelação inspirada de Deus. Em segundo lugar, a promessa a Abraão de uma semente que não pode ser contada, uma semente que herdará uma terra da promessa e proverá bênção a todas as famílias da terra, é cumprida agora na igreja. Uma confiança sólida na prosperidade do evangelho é assim nos proporcionada. O domínio de Cristo “desde o rio até os confins da terra” (Sl. 72:8) não será a extensão dos limites de Israel mediante força militar, mas o sucesso da Grande Comissão em fazer discípulos de todas as nações (Mt. 28:18-20). Deve ser observado, nesse respeito, que embora as promessas do Antigo Testamento a Abraão falem da terra prometida como Palestina, no Novo Testamento Paulo vê o pleno escopo dessas promessas (onde a terra da Palestina é meramente um sinal da recompensa final) como se aplicando a tudo da criação. Ele diz

em Romanos 4:13 que a promessa era para Abraão e sua semente “para que fossemos herdeiros do mundo”! Quando seguimos o ensino da Escritura sobre Israel, então, vemos que Deus prometeu ao seu povo – a igreja – que “o reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo” (Ap. 11:15). A verdadeira semente de Abraão, crentes em Jesus Cristo, será mais numerosa que a areia do mar ou as estrelas do céu.

Essa grande prosperidade do evangelho excluirá aqueles que são judeus étnicos? O domínio mundial de Jesus Cristo e a difusão internacional de sua mensagem salvífica ignorará aqueles que foram rejeitados como o povo nacional de Deus? Paulo se pergunta sobre essas mesmas questões em Romanos 9-11, e precisamos ouvir sua resposta. Paulo estava grandemente perturbado com a rejeição de Cristo pelos seus irmãos segundo a carne, os israelitas (9:1-5). A palavra de Deus falhou? (v. 6). Paulo responde essa pergunta mediante as palavras de Romanos 9. Nem todo na nação de Israel era verdadeiramente povo de Deus. Essa diferenciação era de acordo com o propósito soberano de Deus na eleição. A promessa pactual de Deus nunca garantiu a salvação para todos do Israel étnico, diz Paulo, mas fez provisão para a inclusão dos gentios na salvação. Em Romanos 10 Paulo explica o grave erro teológico dos judeus, sendo ignorantes da justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria (v. 3). Embora um evangelho gracioso tenha sido publicado aos judeus por todo o Antigo Testamento, e embora Israel fosse obstinado contra ele, as boas novas foram descobertas pelos gentios (vv. 16-21). Paulo viu que a nação de Israel tinha rejeitado a Cristo, e que a igreja estava agora crescendo através da conversão dos gentios.

Assim, em Romanos 11:1 Paulo faz a dolorosa pergunta se Deus rejeitou o seu povo. Os judeus étnicos tinham sido expulsos totalmente do reino de Deus? Eles têm algum futuro? Paulo insiste que Deus não rejeitou totalmente os judeus (vv. 2-4). Seu amor e eleição reservou um remanescente entre Israel (vv. 5-6), embora muitos foram endurecidos pela sua auto-justiça (vv. 7-10). Poderíamos dizer então que Israel tropeçou. O propósito de Deus era fazer Israel tropeçar, para que caísse totalmente? Paulo nega isso (v. 11). Antes, Israel rejeitou o Messias como seu salvador, com o resultado que a salvação viria aos gentios (cf. Atos 13:46, 18:6, 28:28). A salvação dos gentios, além disso, foi pretendida por Deus “para pô-los (Israel) em ciúmes”. Paradoxalmente, a presente incredulidade de Israel (que envia o evangelho aos gentios) servirá ao propósito de restaurar Israel à fé! Assim, quanto mais o ministério de Paulo aos gentios encontra sucesso, mais a causa da salvação de Israel é promovida (vv. 13-14) mediante essa provocação ao ciúme.

Em Romanos 11:16-24, Paulo apela à imagem de Israel do Antigo Testamento como uma oliveira (cf. Jr. 11, Os. 14) numa tentativa de advertir os gentios, novos possuidores do reino de Deus, a não se tornarem arrogantes e não esperarem que Deus poupe a apostasia deles. Se até mesmo os ramos naturais (Israel) foram cortados, os ramos enxertados (gentios) não serão

poupados se recusarem continuar na bondade de Deus. Lembre-se! “Deus é poderoso para os enxertar de novo” (v. 23). Esse poder será eventualmente demonstrado a todo o mundo. Ao explicar essa confiança, Paulo apresenta um aviso importante aos gentios em Romanos 11:25, advertindo-os contra a prepotência.

Algo estava oculto na mente e conselho de Deus, mas não mais é um “mistério” (Rm. 11:25). O endurecimento *parcial* de Israel aconteceu “até que haja entrado a plenitude dos gentios”. Aqui Paulo não está se referindo a um remanescente de crentes entre os gentios, pois a palavra “plenitude” é oposta ao conceito de um remanescente (cf. v. 12). Além disso, um remanescente eleito entre os gentios estava naquele mesmo tempo (nos dias de Paulo) entrando no reino, e assim, a declaração de Paulo que Israel foi parcialmente endurecido “até” tal remanescente (=“plenitude”) entrar seria sem sentido. Ele deve querer dizer por “plenitude” a massa dos gentios. Até essa grande porção de gentios entrar no reino de Deus, uma parte de Israel permanecerá endurecida contra o evangelho. Com a conversão em massa da população gentílica, o endurecimento de Israel cessará então. Provocado ao ciúme (cf. vv. 11, 14), Israel se voltará ao Messias para salvação. E “assim” – dessa maneira – “todo o Israel será salvo” (v. 26). Por essa declaração Paulo deve ter pretendido dizer por “Israel” o que quis dizer com o termo por todo o capítulo: a saber, os judeus étnicos (seus irmãos “segundo a carne”). Para manter, como alguns o fazem, que Paulo estava simplesmente declarando que “todos os eleitos entre os judeus e gentios” (isto é, “todo Israel verdadeiro”) será salvo é ignorar quão irrelevante, óbvia, não-misteriosa e anti-climática a declaração de Paulo se tornaria. Paulo está mostrando os mistérios de Deus, como ele usa maravilhosamente o endurecimento dos judeus para salvar a massa dos gentios, que por sua vez provoca os judeus para salvar a massa dos gentios, que por sua vez provoca os judeus para buscar em massa a salvação desfrutada pelos gentios. Essa mútua interação não pode ser suprimida ao interpretar Paulo aqui. John Murray escreveu sobre essa passagem:

... a salvação de Israel tem de ser concedida em uma escala proporcional à sua perda, à sua rejeição, à sua remoção da oliveira natural, ao seu endurecimento e, evidentemente, proporcional na direção oposta... Em resumo, o apóstolo estava afirmando a salvação das massas populacionais de Israel.²

Paulo ensinou, portanto, que em algum tempo no futuro a grande porção dos judeus étnicos serão salvos em resposta à massa dos gentios que já desfrutam desse benefício. Em Romanos 11:12, 15 ele indica que a conversão em massa dos judeus indicará ainda mais bênçãos para o mundo gentílico: “Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento, senão vida dentre os mortos?”. A

² John Murray, *Romanos* (São José dos Campos: Editora Fiel, 2003), p. 461.

rejeição dos judeus trouxe uma bênção maravilhosa para os gentios! Iain Murray sumariza o sentido desses versículos como apontando “para uma vasta adição à Igreja pela conversão de Israel, resultando em grandes bênçãos para o mundo. Há um grande avivamento predito aqui!”.³

Conclusão

À medida que analisamos o material bíblico que cobrimos nessa discussão, qual sumário concernente ao lugar de Israel na profecia bíblica seria apropriado? As seguintes verdades sobressaem:

1. As promessas a Abraão e à nação de Israel no Antigo Testamento foram todas feitas em e por meio de Cristo, para o verdadeiro povo de Deus.
2. A grande atenção e cuidado que Deus deu à nação de Israel por todo o Antigo Testamento aumenta a culpa de Israel por quebrar o pacto e rejeitar o Messias.
3. Israel como uma nação e os judeus étnicos como uma raça foram rejeitados por Deus, de forma que não mais constituem seu reino ou seu povo escolhido.
4. A igreja de Jesus Cristo (gentios e judeus) é agora o reino de Deus, o povo de propriedade exclusiva de Deus, e como tal herda as bênçãos prometidas a Abraão e a Israel.
5. Esse fato indica dias gloriosos para o evangelho por toda a história futura, pois a semente de Abraão (crentes verdadeiros) deve crescer em tamanho numérico sobrepujante e abençoar todas as nações.
6. A conversão em massa dos gentios no mundo provocará os judeus ao ciúme e trará uma conversão em massa dos judeus a Jesus Cristo. Isso não tem nada a ver com a Palestina ou um corpo nacional, e não indica que os judeus terão qualquer bênção de Deus, à parte da igreja de Jesus Cristo e submissão ao evangelho (da mesma forma que os gentios).
7. Quando o mundo vir “todo o Israel” se tornar salvo dessa forma, haverá bênçãos adicionais e maiores de Deus sobre toda a população gentílica, visto que Cristo será internacionalmente exaltado entre os homens.

Que respostas deveríamos dar a essas verdades? Não somente deveríamos corrigir nosso pensamento teologicamente, evitando os excessos do dispensacionalismo e do amilenismo, mas deveríamos ser movidos a pelo menos três reações práticas. Primeiro, deveríamos ser grandemente

³ Iain Murray, *The Puritan Hope* (London: Banner of Truth, 1971), p. 66.

encorajados e motivados a promover missões cristãs. Esse foi o efeito dessas verdades sobre os Puritanos (cf. *The Puritan Hope*, de Iain Murray). Segundo, deveríamos estar confiantes dos benefícios culturais que o reino de Deus trará ao mundo através da obra do povo de Cristo. Isso exigirá a consagração de todos os nossos esforços no mundo como obra para o reino de Deus (cf. *Unconditional Surrender*, de Gary North). Terceiro e acima de tudo, deveríamos ser movidos, assim como Paulo quando olhou para o plano glorioso de Deus para a prosperidade do evangelho gracioso de Jesus Cristo, a exclamar: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!... Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Romanos 11:33, 36).

Fonte: Calvinism Today – 4, Vol. III, No. 2 (April 1993), Covenant Media Foundation, 800/553-3938.